



“RÁDIO AURIVERDE” — Uma debochada afronta

José Moretzsohn

Conclusão de matéria iniciada na edição anterior de ADN e cuja publicação, em seu todo, excederia os limites de espaço regular da Revista.

Propõe-se a resgatar a verdade histórica relativa a diversos aspectos da atuação da FEB na Itália, deturpados no documentário cinematográfico “Rádio Auriverde”, que vem sendo exibido comercialmente nos cinemas nacionais.

*“...pois é a partir da grandeza e da beleza da criatura
que, por analogia, se conhece o seu autor”*

(Sab 13,5)

• A rendição da 148.^a Divisão Alemã foi coisa arranjada para dar alguma glória à FEB, que até aquela altura só acumulara fracassos.

A respeito desse episódio, é bom transcrever-se o que relata o marechal Floriano de Lima Brayner, chefe de

estado-maior da FEB, em seu insuspeito livro *A verdade sobre a FEB*.

Ele conta que, às 9 horas da manhã de 27 de abril, o general Lucien Truscott, comandante do V Exército, chegou a Montecchio, onde se localizava o PC avançado da FEB, à procura do general Mascarenhas. Informado de que Mascarenhas se dirigira

a Collecchio, para assistir à ação da vanguarda brasileira, e tendo tomado conhecimento da situação, sentenciou: *"Diga ao General Mascarenhas que o comando do V Exército tem o máximo interesse em deter e destruir essa divisão alemã, antes que ela alcance a região de Parma."*

Pouco depois de sua partida, chegava ao mesmo PC o general Crittenberg. Cientificado da marcha favorável das operações até aquele momento, exclamou: *"Brayner, a 148ª DI não deve passar. Não pode passar para o norte. Faça sentir isto ao general Mascarenhas!"*

Não satisfeito, ao retornar ao seu PC, o comandante do IV Corpo enviou o seguinte radiograma: *"N.º 215 — 27-4-45 — Secreto — Urgente. Ao Gen Mascarenhas — Estou contando convosco no sentido de impedir que quaisquer elementos inimigos, inclusive a 148ª DI, transponham rio Pó e escapem para Norte. Esta é a grande oportunidade que se apresenta para aniquilar essas forças inimigas. Coordenei com o General Comandante da 34ª DI."*

Plenamente convencido do acerto com que estava conduzindo a operação, o comando brasileiro não tomou medida alguma especial para coordenar com a 34ª DI americana. Se tivesse tomado, teria paralisado toda a empolgante ação que vinha desenvolvendo, e criado sérios problemas para o futuro das operações de todo o Corpo.

A maior prova de que a rendição da 148ª Divisão não era, sequer, esperada pelo comando americano, está na mensagem que, no mesmo dia 27,

chegou ao PC da FEB. Por ela, atribuíra-se à Divisão uma missão completamente desvinculada da operação que ela estava conduzindo naquele momento. Veja-se o que lhe era determinado: *"Instrução de Operações n.º 89 — 27 Abr: — Progredir na sua Zona de Ação (ao sul da estrada n.º 9 Bologna-Piacenza), destruindo as forças inimigas encontradas; bloquear as saídas das montanhas dos Apeninos para o norte; substituir elementos do flanco esquerdo da 34ª DI (USA) à medida que o ataque progrida; proteger o flanco esquerdo do IV Corpo."*

Tamanho descompasso entre o que determinava esta ordem e o que se passava revela, claramente, que o IV Corpo não estava seguramente ciente do que a divisão brasileira vinha realizando. A visita de Crittenberg ao PC avançado comprova que ele, tardiamente, tomara conhecimento dos fatos.

Não houve, pois, arranjo algum, como cavilosamente insinuado.

Se a FEB fosse cumprir, ao pé da letra, a Instrução de Operações n.º 89, ter-se-ia diluído por uma vasta região, e a 148ª DI teria passado *"fagueira, com seus 15.000 homens, para surpreender a 34ª DI americana, ao norte de Parma"*.²³

*"Quando os aflitos apelos dos comandos do V Exército e do IV Corpo chegaram, o perigoso combate de Collecchio já estava em declínio, com a vitória em nossas mãos."*²⁴

O coronel comandante da tropa alemã naquela frente foi encontrado

23 e 24 Floriano de Lima Brayner — *A verdade sobre a FEB.*

morto em uma poltrona, com um tiro na cabeça, tudo levando a crer que tenha se suicidado, ao comprovar a irremediável derrota. Seu corpo foi sepultado em Collecchio, por ordem do comando brasileiro.

As unidades brasileiras, após esse embate, prosseguiram na ocupação das passagens, bloqueando literalmente qualquer via de escape dos alemães. Nem mesmo o oficial de ligação americano, que o IV Corpo enviou para substituir o já mencionado major Vernon Walters, baixado a um hospital, conseguiu aquilatar a importância da vitória que se esboçava. Quando, finalmente, se deu conta do que se passava, tratou de informar ao general Crittenberg. Mas faltava apenas uma hora para o desfecho — tempo insuficiente, e Crittenberg não pôde estar presente...

O V Exército só tomou conhecimento da rendição alemã quando as unidades da 148ª DI, já desarmadas, desfilavam sob escolta, para Gaiano e Felegara.

"O episódio da rendição daquela famosa divisão alemã, imposta em combate, ecoou profundamente, despertando as mais curiosas reações dos comandos superiores. A principal, e indiscutível, resultou de não ter o comando da divisão brasileira consultado o comando do IV Corpo, nem estabelecido ligação com a 34ª DI americana, que, por sua vez, nunca se esforçou nem procurou manter ligação conosco.

"Por que havíamos de correr atrás dos comandos americanos, se nós julgávamos capazes de montar e exe-

cutar a operação que impôs a rendição, por nossa própria conta e com os nossos meios exclusivamente?

"Quando terminaram as negociações entre os representantes do comando da 1ª DIE e os da divisão alemã, ficando assentados todos os detalhes para a rendição, o general Mascarenhas tomou conhecimento e os aprovou. Nesse momento, o chefe do EM divisionário propôs que se desse imediata comunicação ao comandante do IV Corpo, Gen Crittenberg. Não concordou o Gen Mascarenhas. Esta comunicação seria feita oportunamente.

"Tinha razão o chefe brasileiro, mais experiente e melhor psicólogo que seus colaboradores.

*"Se aquele acontecimento ocorresse sob as vistas imediatas de um comando americano, o feito das armas brasileiras teria sido desfigurado e passaria imediatamente à responsabilidade dos chefes do Exército dos Estados Unidos."*²⁵

O livro de onde foram transcritos esses trechos é eivado de mal disfarçada ojeriza de seu autor para com o E/3 da FEB, o então tenente-coronel Humberto de Alencar Castello Branco. Sentindo-se de certa forma ofuscado pelo incontestável brilho de seu oficial-de-operações, Lima Brayner não perde ocasião de enaltecer-se, realçando sua participação. É, pois, sintomático que, no trecho acima, reconheça ter sido rejeitada uma sua sugestão. Ele não o faria gratuitamente...

25 Floriano de Lima Brayner — op. cit.

Assim é de lamentar que um brasileiro tente “desmistificar” o feito da FEB, vilipendiando as glórias que Mascarenhas não quis transferir aos americanos.

A vitória brasileira em Fornovo di Taro gerou imediato ciúme. Tanto isso é verdade que o IV Corpo emitiu o seguinte radiograma circular às suas divisões:

“No cumprimento do rádio nº 6.727, do V Ex, datado de 02.0146 B Maio 45, os comandos só podem aceitar rendição incondicional de unidades inimigas. No caso de rendição de uma grande unidade, deve-se entrar em contato com este QG, para instruções (...) Gen Crittenberg — Comandante.”

“Unidade”, em nosso Exército (e no americano, também), é o escalão batalhão, grupo ou equivalente. E “grande unidade” inclui os escalões “brigada” e “divisão”.²⁶

Esta mensagem foi “circular” apenas para “camuflar” o real destinatário, que era o comando brasileiro, pois as outras divisões do IV Corpo não haviam vivido, pelo menos até então, nenhum episódio de rendição de grande unidade inimiga.

O comando americano, certamente, não esperava tanto sucesso.

A vitória da FEB em Fornovo foi resultado de uma série de fatores, entre os quais merece especial menção a capacidade de improvisar, marca acentuada do caráter brasileiro, tantas vezes criticada e acoimada de respon-

sável por falhas de nosso comportamento como povo.

Mascarenhas, antevendo a vitória que poderia obter, não titubeou em “desmontar” a artilharia, naquela oportunidade menos necessária, para motorizar completamente sua infantaria, distribuindo-a por todas as passagens que, dos Apeninos, demandavam o vale do Pó. Foi providência inusitada, surpreendente e, por isso mesmo, vitoriosa.

Rubem Braga, em seu já comentado artigo, conta: “Quando perguntei ao general Cordeiro de Farias pela sua artilharia, em Vignola, ele me respondeu: — Agora não tenho mais nada a ver com a artilharia; sou gerente de uma empresa de transportes...” E o saudoso cronista explica: “É que o inimigo fugia com tal velocidade, que as viaturas da artilharia estavam sendo usadas para transportar os soldados...”

Vernon Walters, também já citado, depois de narrar a sua baixa ao hospital de Livorno, revela sua pressa em retornar à frente. Superestimando a importância de sua presença, chega a dizer aos médicos que o assistiam: “Vocês estão privando o V Exército do concurso de toda uma divisão, uma vez que ninguém, como eu, poderia falar com os brasileiros.

“Certa manhã, um dos médicos veio até minha cama, atirou-me um exemplar do jornal Stars and Stripes e disse: — Eles estão, sem você, conseguindo resultados jamais alcançados no seu tempo.

“Olhei para o jornal e soube que os brasileiros haviam capturado uma

26 À época da 2ª Guerra, havia o escalão “Regimento” considerado como “unidade”.

divisão alemã que, pela primeira vez, se rendia totalmente na Itália. Era a 148.ª Divisão. Por incrível falta de sorte, perdi a maior conquista dos brasileiros."

• Nos ataques a Monte Castello, Belvedere estava situado à frente de Monte Castello e teria sido conquistado no dia anterior, facilitando a ação da FEB. Em Monte Castello havia apenas 35 defensores.

Que houve antes da primeira investida a Castello?

Em 18 de novembro, o IV Corpo determinara à divisão brasileira que prosseguisse nas operações para a conquista de Castelnuovo, situada no limite leste de sua zona-de-ação. Ao mesmo tempo, porém, o comando superior lhe retirava o esquadrão de reconhecimento mecanizado e um batalhão do 6.º RI. A 19, retira-lhe mais um batalhão e coloca o 2.º Grupo de Artilharia à disposição da 92.ª Divisão americana. A 20, numa clara demonstração de que não soubera, até aquela data, eleger ou selecionar o acidente-capital no interior da posição inimiga, informa ao Gen Mascarenhas que Castelnuovo deixava de merecer prioridade, pois o objetivo visado passava a ser a linha de alturas Belvedere-Castello-Torraccia-Terminale, no flanco oposto da zona-de-ação.

Tornou-se imperioso, em consequência, empregar o 1.º RI, que ainda se encontrava em Filettolo, em treinamento. A divisão brasileira se viu for-

çada a mudar radicalmente o centro de gravidade de seu dispositivo, colocando em linha uma unidade nem sequer inteiramente equipada. Determinou-se que o armamento e o material necessários para completar-lhe a dotação fossem recebidos das tropas que ainda continuariam na zona de treinamento. Ou seja, boa parte da tropa iria equipar-se e armar-se na hora de lançar-se ao ataque.

Faz-se, aqui, breve digressão, que parece oportuna e necessária, para esclarecer o leigo sobre o potencial de uma divisão, uma vez que, em várias oportunidades, o cineasta se revela decepcionado com os limitados êxitos colhidos pela FEB.

É, portanto, conveniente reafirmar que a FEB não passava de uma divisão de infantaria, acrescida de depósito de pessoal (para recompletamento de perdas) e de serviços especiais diversos, não diretamente ligados às operações.

Durante a guerra no continente europeu, mais de 2.000 divisões foram empregadas pelos diferentes exércitos engajados (foram mais de 30.000.000 de homens) e, salvo um ou outro estudioso do conflito, duvida-se que haja quem possa mencionar uma delas sequer.

No próprio IV Corpo, ao qual a FEB esteve subordinada, havia outras cinco divisões americanas. Seu efetivo total era de 246.300 homens, sendo 172.200 americanos, 10.400 ingleses, 24.000 sul-africanos, 11.600 indianos, 16.700 brasileiros e 11.600 italianos.

Por que, então, só a divisão brasileira haveria de realizar feitos extraordinários? Por que, entre 30.000.000

de combatentes, os minguaos 16.000 da FEB deveriam ter praticado façanhas?

Escreve o cineasta: "...é sintomático verificar a desimportância dos brasileiros no seio da tropa aliada, pela exigüidade de reportagens feitas pelos americanos e ingleses, ínfimas se compararmos o quanto filmaram seus patrícios".

Seria ingenuidade pensar que os americanos deveriam ter dado preferência, em seus filmes, aos brasileiros, em detrimento de seus conterrâneos... O público americano, ávido de conhecer o que vinham realizando seus soldados, assistiria, com toda a certeza e com muito interesse, documentários sobre os brasileiros... Para falar de exigüidade de reportagens sobre nossa tropa o cineasta deve ter descoberto reportagens sobre indianos, sul-africanos, italianos — para se limitar às nacionalidades figurantes no IV Corpo.

Mas ele prossegue: *"Em tempo: a FEB até hoje é virgem do vastíssimo imaginário cinematográfico de Hollywood sobre a II Guerra Mundial, como também se desconhece que o cinema italiano tenha se lembrado, de alguma forma, do pracinha que permaneceu quase um ano no país."*

Seria então o caso de sugerir-se aos cineastas italianos (e por que não, também, americanos e ingleses?) que explorem, no "imaginário cinematográfico" do grande conflito, o riquíssimo filão descoberto por seu irmão brasileiro: a participação individual de todas as nacionalidades representadas, em solo peninsular, por tropas com-

batentes. Teríamos, assim, além dos indefectíveis *yankees* e ingleses, heróis para todos os gostos: franceses, galeses, irlandeses, escoceses, indianos, sul-africanos, neozelandeses, marroquinos, tunisianos, argelinos, israelitas, poloneses, canadenses e brasileiros (por que não?)...

Uma divisão só excepcionalmente atua isolada, independentemente. Numa situação normal, está sempre enquadrada por um comando superior (corpo-de-exército ou exército), que planeja, coordena e determina seu emprego. Uma divisão não ataca por iniciativa própria nem recua sem autorização superior.

Cumprir ordens, para o militar, não é subserviência, é dever — o mais elementar dever castrense. Se isto é verdadeiro em tempo de paz, no dia-a-dia da caserna, com muito mais razão o será, no campo de batalha. Nenhum desprestígio para o Brasil, portanto, ter sua divisão sob comando estrangeiro. As outras nações que enviaram tropas para lutar na península italiana não se sentiram inferiorizadas por isso.

Assim, a FEB não atacou Monte Castello por decisão de seu comandante. Fê-lo por determinação do IV Corpo, grande comando que a enquadrava. Este, como de praxe, fixou-lhe o objetivo a conquistar, a zona-de-ação, a data-hora do ataque e os apoios previstos. Se o fez corretamente ou não vamos tentar mostrar. O importante é assinalar que a ordem veio de cima e só cabia à tropa cumpri-la.

O primeiro ataque foi a 24 de novembro. Conduziu-o a *Task Force* 45, e dele participou apenas um batalhão

brasileiro (o 3.º do 6.º RI) e o esquadrão de reconhecimento mecanizado. O grosso da tropa atacante era constituído pelo 45.º BI e pelo 2.º do 370.º RI, ambos americanos.

Terá sido um ataque da FEB? Evidente que não. Comandou-o o coronel americano Cronks, e o objetivo do batalhão brasileiro nem era Monte Castello, e sim Monte Terminale.

Aliás, a fixação desta elevação como objetivo do batalhão brasileiro constitui a mais cabal prova de que o IV Corpo estava muito mal informado a respeito da posição alemã e do valor da tropa que a defendia. Monte Terminale era objetivo muito no interior do dispositivo inimigo, onde, provavelmente, estariam localizados os aprofundamentos da divisão defensora.

Esperava-se que um simples batalhão conseguisse tamanha penetração?

Houve evidente deficiência de informações e, conseqüentemente, o valor defensivo da linha de alturas foi subestimado.

Nem mesmo quando o conjunto Belvedere-Castello-Torraccia foi conquistado, três meses depois, graças ao ataque simultâneo de duas divisões (a 10.ª Divisão de Montanha e a brasileira), Monte Terminale foi imposto como objetivo.

Monte Castello, nesse primeiro ataque, era objetivo intermediário do 2.º/370.º RI americano, cujo objetivo final era M. della Torraccia, o mesmo que, em fevereiro, seria o objetivo final da 10.ª Divisão de Montanha.

O 3.º/6.º RI era exatamente o mais fatigado de toda a divisão brasileira, pois faria 70 dias que se encontrava

em combate. Mesmo assim, progrediu bem, até o momento em que seu flanco esquerdo ficou completamente exposto, já que o 2.º/370.º RI, que atacaria por aquele setor, simplesmente retraíra, sem a menor cerimônia.²⁷ Uma companhia de carros de combate americana, lançada na tentativa de impulsionar o avanço do 2.º/370.º RI, não chegou sequer a transpor a linha-de-partida.

A avaliação do poder relativo de combate, por parte do IV Corpo, foi deveras muito mal feita. A *Task Force* 45 foi organizada com tropas heterogêneas, em torno da 45.ª Brigada de Artilharia Anti-aérea, empregada como força de infantaria. Oferecer flanco exposto à ação inimiga é o que de pior pode acontecer a quem ataque. Os tiros de flanqueamento desmoralizam e comprometem todo o esforço ofensivo. E não transpor a linha-de-partida é o fracasso completo, pois ela materializa, no terreno, os locais onde o atacante tem de mostrar seu ímpeto.

O segundo ataque a Monte Castello foi continuação do primeiro, porque desencadeado na madrugada do dia seguinte,²⁸ levando a marca da impetuosidade do comandante do IV Corpo.

Foram empregados os mesmos elementos do dia anterior, e se os reconhecimentos na primeira investida

27 Quando foi comentado, atrás, o aspecto relativo à suposta incompetência dos nossos oficiais, foram transcritas palavras do Gen Mark Clark sobre a conduta dos soldados negros americanos. E todo o 370.º RI era integrado por esses combatentes.

28 A ordem foi dada às 02:30 horas, para execução ao alvorecer.

havia sido sumários, nesta segunda tentativa simplesmente não existiram. Pelos menos para o extenuado batalhão brasileiro, cuja zona-de-ação foi mudada, durante a noite, passando a incluir, agora sim, Monte Castello.

O *Vade-Mécum*, já referenciado, computa o número de horas necessárias para o desencadeamento de um ataque, em função do escalão considerado. Para um BI atacar centralizado, contra uma posição organizada (e certamente Castello o era), são previstas 6 (seis) horas, das quais 4 (quatro) de luz.

Dados de *Vade-Mécum* não devem ser tomados como imutáveis. Cada caso, evidentemente, é um caso. Mas, desprezá-los ou ignorá-los pode custar muito caro.

O segundo ataque foi, também, conduzido pela *Task Force* 45, já sob o comando do Gen Paul Rutledge. Contido por um contra-ataque alemão apoiado por carros de combate, veio mostrar que o escalão atacante era inteiramente insuficiente, diante do valor da força de defesa e das facilidades que lhe proporcionava o terreno.

Voltemos ao *Vade-Mécum*. Quem ataca deve ter superioridade mínima de 2 para 1, sendo sempre desejável que se alcance 3 para 1 ou mais. Os dois primeiros ataques não obedeceram a esse princípio.

O 3º e o 4º ataques somente vieram comprovar que uma divisão não combina atitudes: não pode defender uma frente de 18 km de extensão e ainda atacar em 2 km desta mesma frente, para conquistar objetivos tão

importantes e tão bem defendidos quanto Belvedere-Castello-Torraccia.

O IV Corpo quis saber quais as razões do insucesso de 12 de dezembro (4º ataque) e Mascarenhas respondeu que as apresentaria por escrito. Sem se preocupar muito com cortesia, o comandante brasileiro foi a fundo no problema e disse mais ou menos o seguinte: sua divisão guarnecia uma frente a 20 km e recebeu missão de atacar em 2 km; não tinha poder para cumprir tudo aquilo. Sua divisão manifestaria capacidade de combate quando recebesse missão adequada a seus meios, não só quanto à profundidade dos objetivos impostos, mas também quanto à largura da zona-de-ação que lhe fosse atribuída. Enquanto recebesse missões como a do dia 12, somente poderia revelar impossibilidade de combater vitoriosamente. Disse mais que não cabia ao comando brasileiro julgar-se a si próprio; o comando americano, que tinha a tropa brasileira diretamente sob suas ordens, poderia atestar se vinha ou não combatendo a contento.

Essa resposta de Mascarenhas foi entregue às 5 horas da manhã de 13 de dezembro, mesmo dia em que o avanço na direção de Bologna foi bloqueado em toda a zona de ação do IV Corpo, e uma divisão americana de 15.000 homens se viu, em horas, reduzida a 8.000.

“Na mesma noite de 12, os alemães haviam contra-atacado na região de Camaiore e Viareggio, obrigando duas divisões a recuar 5 km. O comando americano, verificando que havia uma grande reação alemã em toda a frente,

*disse que o assunto estava fora de apre-
ciação e apenas dizia ao comando bra-
sileiro que mantivesse de qualquer
maneira as posições que ocupava. A
neve já cobria os Apeninos. Ninguém
mais avançava. Há estabilização.*"²⁹

Camaioere, acima citada, fora con-
quistada pelo Destacamento FEB, a
primeira tropa brasileira a entrar em
combate, no dia 18 de setembro. Já
se está a 13 de dezembro, mas o IV
Corpo continua em Camaioere...

Só a FEB deveria progredir?

Nenhuma atividade ofensiva se pro-
cessava em toda a frente italiana, en-
trando as operações na fase que ficou
caracterizada como "defensiva de in-
verno", de 13 de dezembro de 1944
a 18 de fevereiro de 1945.

Aliás, desde novembro, quando se
iniciaram as tentativas de conquistar
Monte Castello, nenhum progresso se
verificou em todo o restante da frente
do IV Corpo. Também no setor do VIII
Exército inglês, a leste, a frente se es-
tabilizara. O poderoso XV Grupo de
Exércitos estava paralisado, chegando
mesmo a registrar alguns recuos, como
o da 92.^a DI americana, no vale do Ser-
chio, só contido graças à intervenção
de forças indianas.

Volta a pergunta: só a FEB deve-
ria avançar?

*"Por que apenas na frente brasi-
leira deveria ocorrer avanço? Por que
haveria de caber à pequena FEB, de-
saparelhada e desambientada, levar
de roldão as experimentadas divisões*

*do Mar Kesselring, primorosamente
e, havia longo tempo, instaladas nas
cristas da cordilheira?"*³⁰

A verdade, porém, é que antes de
iniciar a "ofensiva da primavera", era
imprescindível fincar pé naquele desa-
fiador conjunto representado pelas al-
turas de Belvedere-Castello-Torraccia,
para liberar a vital rodovia 64.

Mas o alemão, quando se decidia
a barrar um eixo, não blefava. Haja
vista o que fez em Cassino. O que ali
ocorreu, guardadas as devidas pro-
porções, também ocorreu em Monte
Castello. Veja-se:

— 13 de fevereiro de 1944 — pri-
meiro ataque ao Monte Cassino, con-
duzido por tropas indianas e
neo-zelandesas, sob o comando do Gen
Freyberg; sem êxito;

— 15 de fevereiro — 255 aviões
despejam 576 toneladas de bombas so-
bre a elevação, matando dezenas de
soldados; seguiu-se um intensíssimo
fogo de artilharia durante todo o dia,
partindo o ataque ao alvorecer, repe-
lido com pesadíssimas baixas;

— 16 de fevereiro — o Regimento
Real de Sussex, inglês, é lançado para
reforçar o ataque, mas nada consegue;
143 mortos;

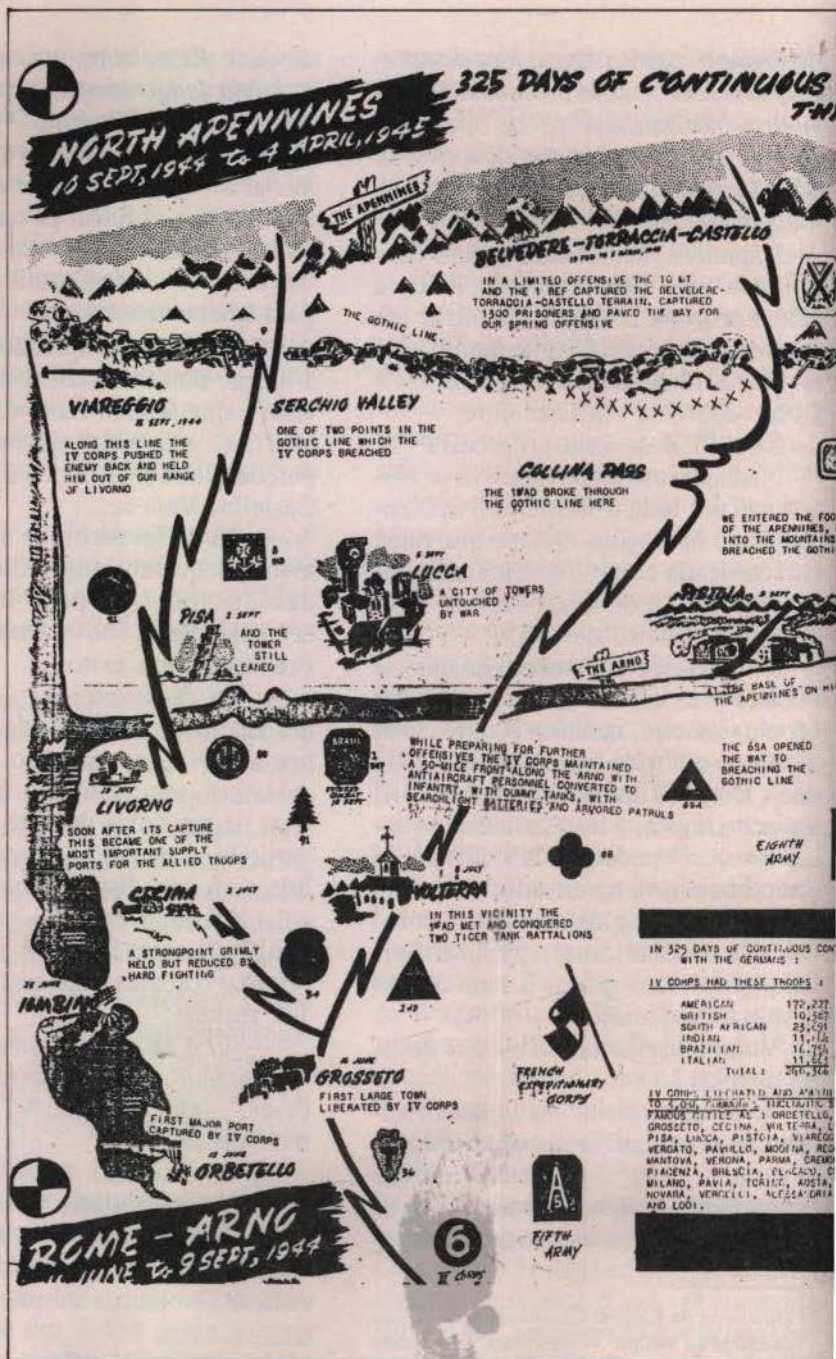
— 17 e 18 de fevereiro — renova-
-se o ataque, com indianos e neozelan-
deses, sem resultados, mas com
terríveis perdas;

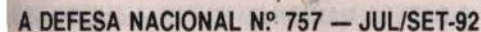
O V Exército resolve "dar um
tempo", que duraria quase um mês.

— 15 de março — de 08:30 às
12:00 horas, aviões lançam 1.320 to-
neladas de bombas sobre o monte, ma-

²⁹ Humberto de Alencar Castello Branco — *Seu
pensamento militar* — coletânea organizada
por Francisco Ruas Santos.

³⁰ Floriano de Lima Brayner — op. cit.





tando 75 homens; em seguida, a artilharia inicia seu bombardeio, disparando 200.000 tiros durante 2 horas; o ataque, uma vez mais, foi barrado;

— 22 de março — os neozelandeses renovam a investida e amargam mais 1.594 baixas;

O V Exército resolve esperar mais um pouco.

— 11 de maio — à noite, após preparação de artilharia que envolveu 1.000 peças de todos os calibres e que durou 2 dias, com 173.000 granadas e 1.550 incursões da força aérea, partiu o ataque, mais uma vez sem êxito;

— 18 de maio — o corpo-de-exército polonês conquista Monte Cassino, tendo 4.056 baixas...

O inexpressivo monte, em cujo topo se erguia o secular mosteiro, fora literalmente arrasado, mas resistira de 13 de fevereiro a 18 de maio, isto é, durante 95 dias. Monte Castello resistiu 67 dias...

Os sucessivos desastres diante de Cassino levaram o 1.º ministro inglês, Winston Churchill, em 20 de março, a dirigir-se ao general Alexander, então comandante do XV Grupo de Exércitos na Itália, nos seguintes termos: *"Desejaria que o senhor me explicasse a razão por que a passagem na montanha, através de Cassino, sobre uma frente que não tem mais de 3 ou 5 km de largura, é o único lugar que se pode atacar. Cinco ou seis divisões já foram duramente afetadas, tentando forçar a passagem. Naturalmente não conheço o terreno nem as condições em que a batalha é travada, porém, examinando as coisas daqui, pergunto por que, se o inimigo se concentra nesse*

*ponto, é impossível atacar pelos flancos?... Confio inteiramente no senhor, porém rogo-lhe que me explique por que não é possível uma manobra de flanco."*³¹

Eis o que respondeu Alexander: *"De toda a frente de combate, desde o Adriático até a costa sul, somente o vale do Liri, que conduz diretamente a Roma, é adequado para o emprego da nossa superioridade em artilharia e tanques. A rota principal, chamada n.º 6, constitui o único caminho que permite penetrar nas montanhas... É dominado pelo Monte Cassino, sobre o qual se ergue o convento... Fizeram-se muitas tentativas para flanqueá-lo pelo norte, porém todas foram infrutíferas, pela escabrosidade do terreno... Os americanos tentaram flanquear Cassino pelo sul, porém sofreram grandes perdas... A tenacidade dos pára-quedistas alemães é muito grande, principalmente levando-se em conta que estiveram debaixo de fogo de toda a aviação do Mediterrâneo e de mais de 800 canhões, que durante seis horas consecutivas ali concentraram todo o seu fogo."*³²

Cassino era defendida por pára-quedistas, sabida e compreensivelmente inferiores em poder de combate às divisões de infantaria, pois seu armamento e seu equipamento são, necessariamente, mais leves do que os daquelas.

Apesar de tudo, a tomada de Monte Cassino é considerada uma grande vi-

31 e 32 A Segunda Guerra Mundial — Editorial Codex — Buenos Aires, 1966.

tória por poloneses e, curioso, também pelos americanos...

Nós, brasileiros, contudo, devemos encarar como vergonhoso vexame a conquista de Monte Castello?

O cineasta afirma que Belvedere fica à frente de Monte Castello e que, somente após sua conquista, a FEB conseguiu tomar este.

Isto não é verdade. Melhor dizendo, só em parte o é.

Belvedere-Gorgolesco-Castello constituem uma linha contínua de alturas, perpendiculares à frente de contato. Della Torracchia sim, está num segundo compartimento, atrás de Castello.

Torraccia era o objetivo da 10ª Divisão de Montanha e Castello, o da 1ª DIE.

Se fôssemos utilizar as palavras do diretor de “Rádio Auriverde”, poderíamos dizer que Della Torracchia somente foi conquistada pelos americanos, depois que os brasileiros haviam se apossado das cristas de Monte Castello, pois isto ocorreu às 18 horas de 21 de fevereiro, enquanto Della Torracchia só caiu às 11:30 do dia seguinte.

Mas o cineasta tem razão num ponto: Belvedere foi conquistado antes de Monte Castello. Se não o fosse, Castello não teria caído.

Foram necessários quatro ataques a Castello para que o IV Corpo se convencesse de que era impossível invadir sobre Castello sem neutralizar Belvedere.

Aliás, convém ressaltar, a própria ação sobre Belvedere teve de ser precedida por outra, na noite de 18/19, sobre Monte Serrasiccia-Capel Buso-

Pizzo di Campiano, desencadeada como clássico golpe-de-mão, para proteger o flanco oeste da divisão, e possibilitar seu desdobramento na base de partida.

A 10ª Divisão de Montanha não se sentiu desmerecida com isto. A FEB, porém, deveria envergonhar-se por ter seu flanco protegido...

Atacar Castello sem neutralizar Belvedere seria repetir os mesmos erros das investidas anteriores. Atacar Belvedere sem assegurar a posse de Serrasiccia-Pizzo de Campiano seria, também, expor-se ao fracasso.

Então, o IV Corpo, que teimava em conquistar Monte Castello e Della Torracchia com um simples grupamento de valor RI, agora lançava duas divisões, para obter o mesmo resultado. E o erro é nosso?

*“Duas divisões — a 10ª Divisão de Montanha e a brasileira — em ação combinada, fortemente apoiadas pela artilharia e pela aviação, para obter a necessária superioridade em pessoal, e material, imprescindível a quem ataca uma posição defensiva organizada.”*³³

E mais: para assegurar o êxito, não empregou na operação uma divisão comum. Ao lado da FEB, para ombrear-se com ela (?), engajou a 10ª Divisão de Montanha, composta de *“esquiadores mundialmente famosos, treinada no Colorado e equipada com trenós especiais e outros veículos particularmente aptos ao emprego na neve e nas montanhas.”*³⁴

33 João Baptista Mascarenhas de Moraes — *Mémoires*.

34 Mark Clark — op. cit.

Não é demais realçar o nível da força colocada lado a lado com a 1.^a DIE. Era uma tropa de homens afeitos a nevascas, a escarpas geladas, verdadeiros gigantes, como os descreveram nossos cronistas.

Quando narra o ataque das duas divisões, Mark Clark considera "miraculosa" a escalada de Belvedere pelas montanheseis.

Não é tudo isto sintomático? Não vem atestar favoravelmente à FEB? Não põe às claras que a captura do maciço Belvedere-Castello-Torraccia era empreitada de vulto, exigindo mesmo forças especiais?

A tropa brasileira, que nunca vira neve e que recebera apenas a instrução normal, comum a todas as unidades de infantaria, deu cabais demonstrações de adaptabilidade às condições ambientais e marchou *paripassu* com a poderosa 10.^a Divisão de Montanha, cujo flanco, em momento algum, esteve exposto por retardo da progressão dos pracinhas.

Longe de constituir motivo para deboche, o emprego de tão potente grande unidade no escalão de ataque, junto à nossa DI, só a enaltece.

O documentário, a certa altura, "esclarece" que em Monte Castello havia apenas 85 defensores.

A ordem de operações da FEB, para o ataque (OGO nº 20, de 18 Fev) consigna as seguintes informações sobre o inimigo:

"O inimigo defende numa posição de resistência, cuja orla anterior engloba a crista de Monte Belvedere-pontos 1.027 e 1.036 e as elevações 977 e 887 do Monte Castello. A po-

*sição é coberta por linhas de P.A. (...), com locais de tiro dispondo de apreciável proteção vertical. O inimigo dispõe, como reservas, do 1.º/1.045 RI, 1.º/1.045 RI e do 232.º BI(...)"*³⁵

Todas essas unidades e as que guardavam as posições em sua área de defesa pertenciam à 232.^a DI.

Monte Castello era objetivo tão importante no quadro da manobra do IV Corpo, e mesmo do V Exército, que no dia de sua conquista, 21 de fevereiro de 1945, o PC avançado da FEB recebeu visita das seguintes autoridades:

- Tenente-General MacNarmey — Comandante das forças americanas no Teatro de Operações do Mediterrâneo;
- Tenente-General Mark Clark — Comandante do XV Grupo de Exércitos;
- Tenente-General Lucian Truscott, Comandante do V Exército;
- Major-General Otto Nelson — Chefe do Estado-Maior do General MacNarmey;
- Major-General Joseph Cannon — Chefe da 15.^a Força Aérea;
- Major-General Willis D. Crittenberg — Comandante do IV Corpo de Exército.³⁶

As unidades em campanha organizam, em seus PC, o que se denomina "sala de operações". Um dos documentos mais importantes produzidos nesta sala é a "carta de situação" — um mapa da região de operações, em

35 Manoel Thomaz Castello Branco — op. cit.

36 João Baptista Mascarenhas de Moraes — *Memórias*.

escala bem grande,³⁷ na qual são lançados os dados conhecidos sobre o inimigo e a tropa amiga. Para mantê-la atualizada, os E/2 e E/3 valem-se das informações obtidas mediante consulta a fotografias aéreas, ou diretamente, de patrulhas, prisioneiros de guerra, postos de observação e de outras fontes. O conjunto de informações sobre o inimigo chega aos escalões subordinados sob a forma de carta, calco ou anexo sobre o seu dispositivo.

Pois bem, para avaliar a densidade, a distribuição e — principalmente — a profundidade do dispositivo alemão na frente da FEB, está assinalada, sobre a carta da região, a zona-de-ação que coube ao 1º RI, no ataque a Monte Castello, em fevereiro de 1945.³⁸

Observe-se atentamente a legenda, para estimar o valor dos defensores; atente-se para a data em que o documento foi expedido; considere-se sua origem.

Examine-se a carta (anexo 1), mesmo rapidamente, e ver-se-ão 44 posições de metralhadora somente dentro da zona de ação do 1º RI. Como cada peça de metralhadora utiliza, no mínimo, três homens em sua guarda, ³⁹ nelas havia 132 alemães.

Mas, não existe tropa armada exclusivamente de metralhadoras. A carta apresenta inúmeras trincheiras, certamente ocupadas por outros elementos.

Há atividade assinalada em muitos pontos, abrigos, escavações, espaldões e outros tipos de organização do terreno. Apenas no limite anterior da área de defesa aferrara-se, seguramente, o valor de um batalhão alemão. Em profundidade, é impossível estabelecer, com exatidão, quantos dos três batalhões mantidos em reserva, "aprofundaram" a defesa ou contra-atacaram na zona-de-ação da FEB.

Um batalhão, em qualquer exército do mundo, sempre teve efetivo girando em torno de 700 a 800 homens. E não combate isoladamente; integra-se em um regimento — atualmente, em uma brigada.

Por isso, é lícito admitir-se que o cineasta omitiu um zero em sua contagem. Não eram 85, mas 850 os defensores de Monte Castello.

O comando brasileiro, para obter a superioridade indicada a quem ataca, empregou o 1º RI (três batalhões), uma companhia de engenharia (1ª/9º BE), um pelotão de carros de combate e um pelotão de destruidores de carros, na parte oeste de sua zona-de-ação, realizando o esforço principal, e, a leste, o 2º/11º RI.

A 10ª Divisão de Montanha, em seu ataque, lançou os 87º e 85º RI, para garantir a desejada superioridade sobre os defensores, cujo valor devia ser superior a 85 homens, também.

• A tropa brasileira não encarou com seriedade a missão que lhe coube na campanha

O filme exhibe várias tomadas de

37 No escalão considerado, 1/25.000 a 1/50.000.

38 A folha em que figurava a zona de ação do 11º RI foi doada pelo autor, há uns três anos, ao museu do Exército, razão pela qual deixa-se de usá-la.

39 Atirador, municionador e remunicionador.

pracinhas cantando, dançando e dando cambalhotas. Seu diretor, ignorando que, mesmo na mais dura guerra, há momentos de descontração e de relax, utiliza aquelas cenas, que afirma terem sido resgatadas entre as "censuradas", para ridicularizar nossos soldados.

Ele mostra grupos de homens se divertindo, ainda no Brasil, ou a bordo dos navios-transporte ou, até mesmo, na Itália, antes da entrada em combate, em locais situados à retaguarda. Mas em momento algum pôde revelar falta de seriedade em quem se encontrava em ação.

São palavras do cineasta: *"Se a assepsia dos filmes era justificada, minhas investigações apontaram para uma direção até então apenas intulda. Além das cenas que são e foram tão exaustivamente veiculadas, homogeneizando o logotipo de uma FEB em permanente ação, havia outras, impróprias, digamos, entre o material bruto flagrado e que deveriam ficar discretamente de reserva."*

"O que se assistia nos cine-jornais internacionais e nos do DIP evitava a todo custo apresentar o verdadeiro rosto, comportamento e comprometimento da FEB no teatro de operações da Itália."

"Como os cinegrafistas, a exemplo dos correspondentes e fotógrafos (conforme o General Mascarenhas, o pracinha deveria ficar longe deles...) — pela convivência diária — estabeleciam uma intimidade com o grupo, é natural que, à hora da filmagem, surgisse uma dissensão psicológica destoante do universo castrense."

"O resultado são imagens diametralmente opostas, ainda que convergentes: cenas formais, à distância, cerimoniais, quando se focaliza a oficialidade e a tropa como magote enquadado; alegres, circenses (dando cambalhotas, fazendo micagem), posados, ridículos (como se algum familiar tirasse fotos para álbum de recordações), e humanos, quando a sós com os cameramen da imprensa estrangeira."

"Habilmente, esse segundo repertório nunca foi montado nem consta dos enxutos e esporádicos noticiosos sobre a FEB no front, com duração máxima de trinta segundos."

"E fui encontrá-lo arquivado sob a insuspeita rubrica de sobras, como se restos de montagem fossem lixo e não cenas literalmente inéditas (apenas copiadas por segurança e para duplicação, já que o suporte original era de alta autocombustão), "descartadas" por absolutas razões de Estado..."⁴⁰

Inacreditável! Só mesmo por equívoco pode-se pensar em cenas caricatas cortadas "pela censura ou por razões de Estado". E as ilações sobre as tomadas encontradas como "sobras" são desprovidas de conteúdo, ilógicas e, até mesmo, infantis.

É de se admirar que pessoas desinformadas das coisas de uma guerra, possam arvorar-se de críticos de uma campanha. Daí imaginar que o pracinha teria de aparecer sempre em ação, fuzil em riste, olhos alertas voltados para o inimigo, fisionomia marcada

40 Sylvio Back — *Uma rádio bem...*

pela determinação, durante as 24 horas dos 239 dias que esteve empenhado em combate. Nenhum descanso. Tudo dentro de um rigor monástico. Afinal, ele não foi levado à Itália para divertir-se ou dar cambalhotas...

O cineasta escarnece dos soldados, "posudos, ridículos (como se algum familiar tirasse fotos para álbum de recordações)", mas "ilustra" um de seus artigos com uma pose grotesca, adequada a álbum de recordações dos tempos escolares: mão direita na cintura, braço esquerdo arrimado em uma mureta, óculos escuros e, sobre a cabeça, como que a coonestar suas posturas, bem desfraldada, a Bandeira Nacional.

Não passa despercebido ao observador a intenção, ao posar em tais condições.

O documentário não avilta apenas a FEB. Menoscaba o Brasil. Posar sob a Bandeira, símbolo do mesmo Brasil, longe de atenuar as implosões "desmistificadoras" que sonhou prodigalizar, com os achincalhes da primeira à última cena, constitui novo e mais grave acinte.

A foto não sugere convivência, mas complacência. Eis que a Bandeira não se faz cúmplice de aleivosias; ela agasalha, ainda quando se tenta caluniá-la ou conspurcá-la, pois jamais rejeitou um filho, seja ele legítimo, adotivo ou bastardo.

Como contribuinte, lamento que a Embrafilme, órgão do Governo Federal, possa financiar a produção de algo como "Rádio Auriverde".

• O espírito de corporação é uma segunda pele para quem já vestiu uma farda

Não fosse uma honra contraí-lo, aquele que enverga uma farda deveria lastimar-se de se ter contaminado com um incurável mal, a "síndrome do verde" ou "viridite". Embora virulenta, é enfermidade benigna — dir-se-ia até desejável, como a catapora e a coqueluche no apropriado tempo. Seu período de incubação é variável; contudo, não costuma ultrapassar uns poucos meses. O agente transmissor não é a farda, mas um conjunto de fatores e vetores que consubstanciam o "ambiente". Por isso grassa, de preferência, dentro dos muros das organizações militares, não obstante haja registros de contágio por desempenho de atividades similares às castrenses ou com estas afins.

A esta benfazeja "síndrome" dá-se o nome de "espírito de corpo". Feliz é a expressão, porque harmoniza, precisamente, os dois elementos constitutivos do ser humano, corpo e espírito.

Na caserna, com tamanha intensidade se cultivam virtudes, com tal rigor se pregam princípios de moral, há tanto empenho em manter condutas e comportamentos corretos, tanto desprendimento e tanta colaboração mútua, que o militar, inconscientemente, associa o uso da farda à "asepsia" do ambiente.

É, então, muito salutar e estimulante verificar que mesmo pessoas estranhas ao meio também o reconheciam. Ainda que o façam sem se darem

conta. Não é o que o cineasta quis salientar com "a segunda pele" a que se referiu?

Sujeito às condicionantes que o "bitolam", o militar desenvolve uma vontade coletiva de empurrar na mesma direção, um indefinível impulso que o leva a *servir*. Nada lhe fala mais alto que este verbo, síntese e essência da sua profissão.

Em conseqüência, ele se afeiçoa ao rochedo — o Exército — e com ele se confunde, num caldeamento, numa interpenetração, num sincronismo tão estreito, que é impossível separar homem e instituição. Ou distingui-los.

A farda é uma segunda pele apenas porque exterior, periférica, circunstante. De certo modo influi, mas não se lhe credite papel mais significativo que o de "uniformizar".

Os militares se mimetizam, não como o camaleão, que assim procede por compulsão instintiva, que lhe modifica a pigmentação a cada instante, dissimulando-lhe a pele sobre o fundo em que se projete sua silhueta. É mimetismo de outra natureza. Endógeno, é, no entanto, centrípeto. E permanente. Voluntário, consciente, espontâneo.

É monocromático, sim, embora não se esgote na padronização exterior que o fardamento imprime. Ao contrário, penetra no âmago mais recôndito da alma e, ali, após curto período de maturação, fertilizado por firmeza de fé e impulso de adesão, torna-se conspícuo através de um desempenho marcado por ações centrífugas de doar, servir e desprender-se. E sem o menor resquício de subserviência, de acei-

tação tácita ou de passividade de quem se renda.

Não se alimenta a veleidade de considerar estejam todos os componentes do Exército "enquadrados" nessa moldura. Coletividade alguma mantém-se intocada ou livre de desajustados. Há sempre os que, por inadaptação ou incompreensão, confirmam esta regra. Mas os que somam ou multiplicam são a esmagadora maioria. Os poucos que diminuem acabam anulados e se perdem ao longo da carreira. Os que procuram dividir bem cedo descobrem que a instituição desenvolveu anticorpos muito eficientes contra o vírus da desagregação, e filtros capazes de eliminar quem, por distonia, se revele indesejável. Graças a esse conjunto de depuradores, ela obtém a imprescindível homocromia que lhe faculta unidade de pensamento e de ação, por muitos, inadvertidamente, atribuída à farda.

Convém que se diga que toda a instrução militar procura acentuar o espírito de cumprimento da missão na guerra. Desde as mais elementares noções transmitidas a um fuzileiro, às mais complexas tarefas expostas a um oficial de estado-maior, em tudo paira, como pano de fundo, o combate. Ou melhor, a missão em combate. Se um atirador falha na descoberta ou na designação de um alvo, se um mensageiro se atrasa na condução de uma ordem, se um graduado carece de iniciativa ou se um chefe, na refrega, não eletriza seus homens, todo o conjunto sofrerá. E vidas se perderão.

O sistemático e permanente apelo ao cumprimento da missão, seja ela

individual ou coletiva, infunde no homem a noção de sua própria importância dentro da equipe. E, então, ele se empenha em fazer sempre bem o que lhe caiba.

No quartel, forma-se o combatente; a conduta em combate permeia toda a instrução ministrada.

Eis porque é tão fácil desenvolver no militar o "espírito de corpo". Ele não é couraça; nada tem a ver com proteção. A farda é mero pano, às vezes, até furado de balas...

A busca de proteção — essencial para a preservação da vida, durante o combate — não pode assumir prioridade que leve à passividade, diametralmente oposta ao espírito de corpo, este "*desejo intenso — que tantas vezes conduz ao sacrifício — de tudo fazer pela grandeza, pela reputação e pela glória de sua unidade*".⁴¹

É ele que impulsiona o homem a executar um lance sob o fogo inimigo, mesmo sabendo que um dos projéteis que cortam os ares, com sinistro sibilo, pode pôr à mostra suas entranhas. É ele que instiga a tropa a um segundo ataque, quando o primeiro já revelou a disposição do inimigo de vender caro a sua posição.

O espírito de corpo alimenta-se, fundamentalmente, das tradições.

É tempo de encerrar estes comentários, que já se estenderam muito mais do que o pretendido.

Mas, antes, deseja-se acrescentar mais dois tópicos.

O primeiro refere-se ao relatório oficial do IV Corpo de Exército Americano, período de 14 de abril a 2 de maio de 1945, *The final campaign across Italy*, publicado no Brasil sob o título de *Campanha ao noroeste da Itália*. Seu prefácio salienta a preocupação "*de conservar a força do realismo lingüístico do idioma original, traduzindo quase literalmente, com prejuízo mesmo de uma melhor apresentação literária*".

Há nele muita coisa interessante em relação à FEB, mais particularmente três capítulos, cujo conteúdo o cineasta desmente de forma categórica: *Estica-se o elástico, Os brasileiros farejam caça e Rende-se a 148ª Divisão*.

Lendo-os, tem motivos de orgulho. O cineasta ou não os leu ou os falseou.

O outro aspecto também está ligado a documento elaborado pelo grande comando que enquadrou a FEB.

Após a guerra tornou-se conhecido, no Brasil, o "Roteiro da FEB", desenhado em cores vivas e com caprichada simbologia, para o livro do general Mascarenhas de Moraes. Foi mais tarde impresso em separata, sendo comum encontrá-lo em quadros, nos nossos quartéis.

O IV Corpo de Exército também confeccionou um "Roteiro" (Anexo 2), no qual provavelmente se inspirou o da FEB. Obviamente, o do IV Corpo é pouco divulgado entre nós.

É interessante examiná-lo.

Trata-se de um quadro com aproximadamente 0,70 x 0,50, dividido ao meio, no sentido longitudinal. O lado esquerdo mostra o desenrolar das operações daquele grande comando ao sul

Bouchacourt — *Ensino sobre a psicologia da infantaria*.

dos Apeninos; do lado oposto, a arrancada pelo vale do Pó, até os contrafortes dos Alpes.

O lado esquerdo é dividido, transversalmente, na sua porção mediana, pelo rio Arno. As operações ao sul desse rio (de 11 de junho a 9 de setembro de 1944), realizaram-se antes da entrada em linha da divisão brasileira (15 de setembro), escapando, portanto, ao objetivo dos presentes comentários. Na porção setentrional, chamam a atenção duas nítidas transversais: as fortificações da "Linha Gótica" e a cadeia dos Apeninos. Na primeira, está clara a importância do Vale do Serchio, um dos dois únicos pontos em que foi rompida pelo IV Corpo. Neste vale foi empregada a primeira tropa brasileira a entrar em linha, basicamente, o 6º RI, lançado como "Destacamento FEB" e com atuação altamente louvável. Na segunda, evidencia-se o valor das alturas de Belvedere-Torraccia-Castello, as únicas nominadas em toda a frente dos Apeninos. Do mar da Ligúria ao centro da Itália, numa extensão de 150 a 200 km, três únicos pontos figuram no Roteiro. Um deles é Monte Castello. Os outros dois, Belvedere e Della Torraccia.

Estaria a FEB sendo empregada em setor secundário da frente? Caso afirmativo, qual seria o setor principal?

Neste lado do "Roteiro" há vários dados a ressaltar. Limitemo-nos à questão dos efetivos e às localidades libertadas.

Os 16.700 homens da FEB repre-

sentavam apenas 6,8% do efetivo do IV Corpo, com seus 246.300 homens. O cineasta, contudo, imagina que este pequeno contingente pudesse ter realizado operações estratégicas ou façanhas muito maiores.

Um total de 3.034 povoações foram libertadas pelo Corpo, incluindo 30 cidades grandes ou famosas. Dessas últimas, seis o foram pela FEB: Parma, Cremona, Piacenza, Turim, Alessandria e Lodi.

O lado direito do "Roteiro" relaciona as 23 divisões alemãs que lutaram contra o IV Corpo, e os 21 generais inimigos capturados, dois dos quais pela FEB.

Informa que o Corpo fez 165.000 prisioneiros de guerra, nos 325 dias em que esteve em combate. Desse total, credita-se à FEB a significativa parcela de 20.573, ou seja, 12,4% do montante. Apenas 35 brasileiros foram capturados pelos alemães; a nossa divisão capturou um número de alemães superior ao de seu próprio efetivo, o que equivale a dizer que cada febianos prendeu mais de um alemão.

Mais ou menos no centro está representada a rendição da 148ª Divisão Alemã: "*Nessa vizinhança, a FEB forçou a rendição da 148ª DI Alemã.*"

Está caracterizada a arrancada brasileira, de Reggio até Torino (Turim), embora ela tenha continuado até Susa, onde se estabeleceu contato com forças francesas.

Esse "Roteiro" fala por si só.

CONFIDENTIAL
SECRET

Enemy Defence Overprint No.6
Carta com o dispositivo de defesa do inimigo No.6
Prepared by PI Section HQ IX Corps
Preparada pelo serviço de Foto Informação do
Q.G. do IX Corpo
Annex No.1 To IX Corps G-2 Report No.257
19 FEBRUARY 1945
Anexo No.7 Referência Boletim de Informação
do 2ª Seção do IX Corpo do U.S.A. No.257
19 de FEVEREIRO de 1945

OFFICIAL
David
ACTG 6-2

CRITTENBERGER
MAJ. GEN.

LEGEND
LEGENDA

- Field Gun, Canhão de campanha
- Heavy A.A., Canhão a.a. (pesado)
- Light A.A., Canhão a.a. (leve)
- Mortar, Morteiro
- Strong Point, Ponto de Apoio
- Casemate, Casemata
- A.T. Gun, Canhão anti-tanque
- Pillbox, Casemata ligeira (pillbox)
- M.G. Position, Posição de metralhadora
- Road Block, Estrada bloqueada
- Road Cratered, Estrada destruída
- Weapon Pits, Posição de tiro organizado
- Trenches, Trincheiras
- Emplacement, Espalhões
- Dugouts, Abrigos
- V.P. Vehicle Pit, Parque de viaturas
- Mines, Minas
- Wire, Arame
- M.A. Military Activity, Atividade militar
- T.A. Troop Activity, Tiro característicos de trânsito ativo
- u. Unoccupied, Desocupado
- u.c. Under Construction, Obras em construção
- E.O. Enemy Occupied, Ocupado pelo inimigo
- Excavations, Escavações
- Prepared For Dem., Preparado para demolição
- Damaged, Em mau estado
- Blown, Destruido
- Ammo, Munição
- Dump, Depósito
- Petrol, Gasolina
- Supplies, Suprimentos
- Barracks, Aconfortamentos
- Hospital, Hospital



Gen Bda R/I JOSÉ MORETZSOHN, pertencente à Turma de 1950 da AMAN, serviu nos antigos 11.º e 12.º RI, na 2.ª/6.º B C, no Comando do IV Exército (hoje CMNE), no Gabinete do Ministro do Exército, no Gabinete Militar da Presidência da República, na Secretaria-Geral do Conselho de Segurança Nacional, no Estado-Maior do Exército. Foi auxiliar de Instrutor e Instrutor da AMAN, Instrutor da ECEME e comandou o Curso Básico da AMAN, o Batalhão da Guarda Presidencial e a 7.ª Brigada de Infantaria Motorizada. Tem vários trabalhos publicados sobre o problema brasileiro de transporte e sobre geopolítica.